

Publicação da Convenção Batista Brasileira dirigida a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados
Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

CNPJ (MF): 39.056.627/0001-38
Registro N° 020830 no INPI

Endereços

Telegráfico – BATISTAS
Caixa Postal: 13333
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenadora Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redatora

Jane Esther Monteiro de Souza
de Paula Rosa

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição**Convicção Editora**

Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
falecom@convicaoeditora.com.br

Colaboradores desta edição

Anderson Resende Barbosa – PA
Danielle Viana de O. de Souza – RJ
Elana Costa Ramiro – SP
Eliene Pereira da Silva Dias – DF
Innaê Cerqueira F. G. Nascimento – TO
Irineu Bovo Júnior – PR
Ivete Lemes Machado de Barros – SP
Jane Esther M. S. de Paula Rosa – RJ
Leila Regina Amorim de Matos – RJ
Luiz Gustavo Marques Lança – ES
Neuralva de Sousa M. dos Santos – RJ
Samya Vanessa Soares de Araújo – GO



Procura apresentar-te a Deus aprovado

O tema deste ano da CBB é “Proclamemos a verdade ao mundo. A divisa: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

Para alcançarmos esse alvo, precisamos entender claramente o que significa ser aprovado. Quando olhamos para as Escrituras, vemos que é possível alguém usado por Deus não ter uma conduta agradável a ele. Exemplo disso é a Igreja de Corinto, uma comunidade rica em dons espirituais. Nenhuma outra epístola trata tanto sobre os dons espirituais como a Primeira Epístola aos Coríntios. Em nenhum momento Paulo contesta ou questiona a autenticidade daquelas manifestações. Muito pelo contrário, ele ensina a igreja a usar com decência e ordem os dons que haviam recebido do Espírito Santo. Contudo, é a essa mesma igreja que Paulo diz: “Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo” (1Co 3.1).

Dons, talentos, carisma, ministério não são evidências de aprovação de Deus. Se quisermos saber o que é ser aprovado por Deus, o que é ser agradável a ele, temos que olhar para Jesus. Afinal, foi ele quem ouviu do Pai: “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado” (Mc 1.11 – NVI). Ser aprovado por Deus é andar nos passos de Jesus, pois “aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou” (1Jo 2.6).

Nesta edição, a profa. Elana Costa Ramiro, no artigo “Liderança e cultura de inovação”, diz que a liderança precisa reconhecer o seu papel no alcance da missão da igreja e valorizar o potencial criativo de cada um.

O pr. Luiz Gustavo Marques Lança, no artigo “A verdade na pós-modernidade e a necessidade de resposta da igreja”, fala que não se pode deixar de buscar respostas e práticas que ajudem a comunidade cristã a se posicionar, pronunciar e viver de acordo com os verdadeiros princípios de regra, fé e prática alicerçados na Bíblia.

No artigo “Pequenos grupos: crescimento e multiplicação na comunhão”, o pr. Irineu Bovo Júnior diz que o discipulado é um passo mais profundo e árduo no qual a perseverança assume papel crucial.

A profa. Leila Regina Amorim de Matos, no artigo “Capacitismo valendo”, diz que não podemos ser uma igreja que fala, mas que não faz.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e de muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós, leitores.

ÍNDICE

1	Expediente e editorial Procura apresentar-te a Deus aprovado <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
3	Resenha Os sete saberes necessários à educação do futuro <i>Madalena de Oliveira Molochem – SP</i>
5	Educação Geral Contribuições do atendimento neuropsicopedagógico clínico para alunos com dificuldades de aprendizagem <i>Innaê Cerqueira Ferreira Gonçalves Nascimento – TO</i>
7	Educação Geral Educação – Uma necessidade ou um direito? <i>Neuralva de Sousa Mota dos Santos – RJ</i>
9	Educação Teológica A verdade na pós-modernidade e a necessidade de resposta da igreja <i>Luiz Gustavo Marques Lança – ES</i>
11	Educação Teológica Liderança e cultura de inovação <i>Elana Costa Ramiro – SP</i>
15	Educação Cristã Capacitismo valendo <i>Leila Regina Amorim de Matos – RJ</i>
18	Educação Cristã Pequenos grupos: crescimento e multiplicação na comunhão <i>Irineu Bovo Júnior – PR</i>
21	Educação Cristã A importância do incentivo à leitura da Bíblia para o processo de (trans)formação do homem por Deus <i>Danielle Viana de Oliveira de Souza – RJ</i>
23	Educador em Destaque <i>Ivete Lemes Machado de Barros – SP</i>
24	Da Mesa da Redação
25	Para Pensar A inclusão de Rute na genealogia de Jesus <i>Samya Vanessa Soares de Araújo – GO</i>
27	Vale a pena LER de novo A arte de ensinar aos adultos <i>Eliene Pereira da Silva Dias – DF</i>
31	Sugestão de Livros 1. Púlpito Pregação e Música – Autor: Jilton Moraes 2. Pedagogia bíblica divertida – Autora: Helenita Borja 3. ABC Doutrinário – Autor: Ilgnois Janait
32	Última Palavra A missão que Jesus Cristo delegou à sua igreja é fazer discípulos <i>Anderson Resende Barbosa – PA</i>

Os sete saberes necessários à educação do futuro

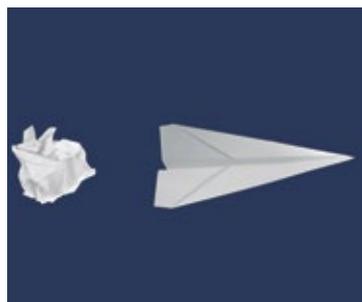
Resenha



Educação Geral



Educação Teológica



Educação cristã



Vale a pena ler de novo

Os sete saberes necessários à educação do futuro

INFORMAÇÕES¹

Edgar Nahoun (que mais tarde adotará o sobrenome “Morin”), autor de *“Os sete saberes necessários à educação do futuro”*, nasceu em Paris no dia 8 de julho. É o filho único de um casal de judeus sefarditas (descendentes dos judeus expulsos da Península Ibérica em 1492/1496). Desde cedo expressa sua apreciação pelo cinema, livros, música e política estando envolvido em atividades políticas desde muito cedo na Frente Popular e na Guerra Civil Espanhola. Viveu e conviveu com a segunda guerra mundial tendo nessa época influência socialista. O livro, *“L’An Zéro de l’Allemagne”* (O Ano Zero da Alemanha) foi o primeiro de uma série que têm sido apontados como grandes contribuições ao pensamento do século 20. Quando escreveu *“L’Homme et la Mort”* (O Homem e a Morte), Morin formaria a base de sua cultura transdisciplinar enfocando a geografia humana, etnografia, pré-história, psicologia infantil, psicanálise, história das religiões, ciência das mitologias, história das ideias, filosofia. Como conferencista, já esteve em diversos países, inclusive no Brasil mais de uma vez participando de congressos e palestras em associações e universidades. Morin foi solicitado pela UNESCO para escrever sobre a educação do amanhã e traz à nossas mãos a obra *Os sete saberes necessários à educação do*

futuro que se torna uma grande contribuição ao tema.

RESUMO

Toda sociedade regida por sua própria cultura precisa tratar de sete saberes que são considerados como necessários e fundamentais à educação do futuro, a saber:

1. **As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão** – Uma das preocupações da educação é a transmissão de conhecimento. Entretanto, é importante que esteja alerta quanto à possibilidade do “erro e da ilusão”. A mente exclui o que não convém ou o que não consegue assimilar e para isso faz uso da razão. A racionalidade analisa e critica. A cada momento estamos em contato com o novo e o inesperado e à educação cabe o papel de possibilitar o acesso ao conhecimento.

2. **Os princípios do conhecimento pertinente** – Um conhecimento isolado perde do seu valor quando não está inserido em conhecimentos parciais e globais. O conhecimento pertinente é aquele que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto, no conjunto em que está inserido. Um desafio para a educação de hoje é essa conjugação entre as partes e o todo.

3. **Ensinar a condição humana** – Compreender o ser humano com todas as múltiplas complexidades do que significa esse “humano” é o desafio para o futuro. Leva-se em conta sua condição cósmica pertencente a um universo complexo; sua condição física e suas potencialidades e limitações, sua condição de ser vivente terrestre, sua condição humana como ser animal.



4. Ensinar a identidade terrena – A necessidade de se conscientizar o estudante a se apropriar de sua condição terrena constitui importante aspecto. Somos todos seres pertencentes ao mesmo conjunto global.

5. Enfrentar as incertezas – O mundo é uma constante de mudanças. Cabe à educação ensinar o enfrentamento das incertezas ajudando o estudante a manter uma constante vigilância nas mudanças.

6. Ensinar a compreensão – A missão espiritual da educação é ajudar as pessoas a manter um espírito colaborativo, com foco na empatia, na identificação com o outro num processo constante de re-aprender.

7. A ética do gênero humano – O avanço tecnológico, apesar de grandes contribuições, traz o prejuízo da “fragmentação do saber”. A antropo-ética se propõe ao resgate do civismo da solidariedade, da responsabilidade a uma maior consciência da relação indivíduo singular e espécie humana.

CRÍTICA

A obra **“Os sete saberes necessários à educação do futuro”** quando inicia falando sobre o erro e a ilusão, Morin com muita propriedade argumenta sobre como o ser humano, em contato com o conhecimento, pode vir a se deixar levar. Este primeiro momento do livro se articula muito bem com o que se segue que é o conhecimento pertinente, aquele que é “capaz de situar qualquer informação em seu contexto”². Isabel Alarcão³, ao falar sobre a formação de professores, parte do conceito do conhecimento pertinente e diz que se este conceito é válido para a educa-

ção é igualmente válido para o que se realiza em educação, ou seja, o trabalho do professor. Para “intervir” é preciso “analisar os contornos da crise, perceber os factores que estão na sua génese, congregar esforços e intervir sistemática e coerentemente”.⁴O item destinado à conscientização do planeta terra, identidade terrena, faz reforçar o que tem sido palco de acirradas discussões e de tantas lutas que alguns grupos levantam como bandeira. Morin, quando se refere ao ser humano, sempre o coloca como espécie, observando sua integralidade, um ser integral histórica e socialmente. A frase “aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza” (p. 91) provoca no leitor um momento de reflexão que o leva a parar para pensar na velocidade com que o conhecimento se desenvolve. Há quem afirme que o ser humano não é capaz de captar um bilionésimo de informações que estão disponíveis a ele. A incerteza decorrente dessa aceleração faz lembrar das palavras de Larossa⁵ que afirma que a experiência “requer um gesto de interrupção: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar [...] parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes [...] falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, e ter paciência e dar-se tempo e espaço”. Quando Morin delega à educação o “ensino das incertezas”, concorda com Larossa quanto a este momento de “parar para” a compreensão desta complexidade do ser humano, buscando fazer com que cada experiência vivida traga um sentido e significado em meio a este “oceano” de incertezas.

A forma como o autor descreve a dialética compreensão/incompreensão desafia o leitor a pensar seu papel de educador, educando, cidadão, pai, mãe, patrão, enfim, seu papel na sociedade.

CONCLUSÃO

A linguagem e o estilo literário de Morin requerem atenção e concentração do leitor. Em alguns capítulos, o desenvolvimento dos textos em subtítulos são curtos e parecem pedir maiores esclarecimentos caracterizando um estilo de escrita. A presente obra traz uma contribuição à área da educação que recomendo ao leitor interessado no presente e no futuro da educação.

NOTAS

1. <http://edgarmorin.secsp.org.br> – acesso em 05/02/2007.
2. MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
3. ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.
4. Idem. p. 15.
5. LAROSSA, Jorge Bondia. *Nota sobre a experiência e o saber da experiência*. Leituras. (Textos-subsídio ao trabalho pedagógico das Unidades da rede Municipal de Educação de Campinas). Campinas, 2001.

Madalena de Oliveira Molochenco

Igreja Batista Betel, São Paulo, SP. Bacharel em Teologia com especialização em Educação Religiosa. Licenciatura em Pedagogia. Pós-graduação em Magistério do Ensino Superior e Psicopedagogia. Pós-graduação em Formação de Professores para o Ensino Religioso Escolar. Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento. Doutora em Educação. Professora da Faculdade Evangélica de São Paulo e no Seminário Teológico Evangélico Betel Brasileiro.



Contribuições do atendimento neuropsicopedagógico clínico para alunos com dificuldades de aprendizagem

É bem passivo de entendimento que, para acontecer um aprendizado, o indivíduo precisa entender, organizar, armazenar e evocar a informação. Para Almeida (2002), “esses elementos são processos cognitivos básicos a qualquer aprendizagem”. Um aluno com dificuldades de atenção, de permanência na tarefa, de visualização dos pormenores numa gravura ou de comparação de diferenças e semelhanças entre duas situações verbais ou escritas, certamente, apresentará grandes dificuldades na captação da informação que lhe é apresentada.

Essas e outras situações de dificuldades de aprendizagem sustentam a afirmação de que o aluno que apresenta dificuldades necessita receber ajuda

especializada, para poder perceber e organizar as informações que lhe são transmitidas. Almeida (2002) reforça que alguma ajuda deve ser prestada, quando o aluno apresenta dificuldades na assimilação das informações e na construção do aprendizado.

Conforme mostra Boruchovitch (1993) apud Teixeira e Alliprandini (2013), os alunos com baixo rendimento escolar podem beneficiar-se muito de intervenções em estratégias de aprendizagem.

Esse apontamento é robustecido pelo Boletim de Educação, citado por Lima (2017), quando afirma que esse atendimento deve ser criterioso, feito por uma equipe de especialistas, sendo imprescindível sua realização.

UM ALUNO COM DIFICULDADES DE ATENÇÃO, DE PERMANÊNCIA NA TAREFA, DE VISUALIZAÇÃO DOS PORMENORES NUMA GRAVURA OU DE COMPARAÇÃO DE DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE DUAS SITUAÇÕES VERBAIS OU ESCRITAS, CERTAMENTE, APRESENTARÁ GRANDES DIFICULDADES NA CAPTAÇÃO DA INFORMAÇÃO QUE LHE É APRESENTADA

Há o perigo da Escola, diante de qualquer comportamento divergente de seus alunos, encaminhar essas crianças para as classes especiais, sem antes realizar uma reflexão profunda sobre elas. Qualquer rotulação é uma tendência reducionista, pois, muitas vezes, rotula-se a criança sem que sejam pesquisadas as condições em que o problema ocorreu [...] não se pode, portanto, colocar crianças em classes especiais, sem a indicação da equipe multiprofissional, cuja orientação é imprescindível (BOLETIM DE EDUCAÇÃO, 1998 apud LIMA, 2017).

A estimulação do refletir, do memorizar, do associar ideias, do despertar da curiosidade e da criatividade são focos permanentes do trabalho de um neuropsicopedagogo clínico. Ele, com o domínio do conhecimento em Neurociência, Pedagogia e Psicologia Cognitiva, estará qualificado para trabalhar com todos os alunos, especialmente, com os alunos com dificuldade de aprendizagem. É importante o esclarecimento junto aos pais sobre a explicação clínica de possíveis distúrbios e as condutas a serem efetivadas, bem como apresentar as possibilidades de tratamento e intervenção (SOUZA, 2020).

A ESTIMULAÇÃO DO REFLETIR, DO MEMORIZAR, DO ASSOCIAR IDEIAS, DO DESPERTAR DA CURIOSIDADE E DA CRIATIVIDADE SÃO FOCOS PERMANENTES DO TRABALHO DE UM NEUROPSICOPEDAGOGO CLÍNICO

Para Bossa (2000), apud Silva (2020), as alterações do aprender, o fracasso escolar, as diferentes formas sob as quais os problemas de aprendizagem se apresentam em grande proporção na população, em geral, principalmente, na infância, requerem uma análise minuciosa desde sua etiologia à sua particularidade. Para tanto, a tarefa diagnóstica é indispensável.

Conforme registra Oliveira (2018, apud Souza (2020), um dos objetivos do neuropsicopedagogo clínico é identificar as causas das dificuldades de aprendizagem. O neuropsicopedagogo clínico atua com a intervenção e a estimulação cognitiva, utilizando o desenvolvimento ou aquisição de jogos que motivem a prática do paciente, assim como a utilização de instrumentos variados, proporcionando ao indivíduo condições de não só desejar realizar a ação proposta, mas, principalmente, de fazê-lo de forma que suas habilidades sejam instigadas.

Em atendimento à resolução da Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia, é reponsabilidade do neuropsicopedagogo:

A observação, identificação e análise dos ambientes sociais aos quais está inserida a pessoa atendida, focando nas questões relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento humano nas áreas motoras, cognitivas e comportamentais; avaliação, intervenção e acompanhamento do indivíduo com dificuldades de aprendizagem, transtornos, síndromes ou altas habilidades que causam prejuízos na aprendizagem escolar e social; criação de estratégias que viabilizem o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem do alu-

no; utilização de protocolos e instrumentos de avaliação e reabilitação devidamente validados, respeitando sua formação de graduação; elaboração de relatórios, laudos e pareceres técnicos profissionais; e encaminhamento a outros profissionais quando o caso for de outra área de atuação/especialização (SBNPP nº 3, 2017).

A Neuropsicopedagogia clínica proporciona um acompanhamento específico, não somente por proporcionar ao aluno/paciente um acompanhamento mais próximo, mas, principalmente, por tratá-lo como sujeito de sua história, tendo suas particularidades e potencialidades respeitadas e valorizadas, dando ao mesmo condições de aprender mediante os mecanismos certos, os quais sejam prazerosos, significativos, relevantes e eficazes e que os auxiliem na eliminação ou minimização das suas dificuldades no processo único de aprendizagem.

O atendimento educacional especializado, feito por um neuropsicopedagogo clínico, para alunos com dificuldades de aprendizagem, privilegia o desenvolvimento e a superação daquilo que lhe é limitado ao estudante com dificuldades de aprendizagem (SILVEIRA, 2019).

Innaê Cerqueira Ferreira Gonçalves Nascimento

Membro da Igreja Batista Filadélfia em Palmas, TO. Pedagogia com habilitação em orientação educacional – Especialização em metodologia do ensino – Neuropsicopedagogia clínica – Neuropsicopedagogia institucional e Educação Inclusiva. Educadora cristã da Igreja Batista Filadélfia em Palmas, TO. Líder da União de Esposas de Pastores da Região Metropolitana do TO. Orientadora Educacional do Centro de Ensino Médio Tiradentes.



Educação

Uma necessidade ou um direito?

A Educação é uma necessidade e um direito que todas as pessoas têm. O que muitos não sabem é onde procurar por ela. Viajando pelo interior, por meio de documentários televisivos, percebemos que há lugares onde a precariedade é muito grande quando se fala de educação.

De acordo com Schelb (2016, p. 62): “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizacionais da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Logo, ela passa por toda a vida do indivíduo.

Muitas crianças hoje, em pleno século 21, ainda estão presas em trabalhos forçados, ou seja, exaustivos, e sem “tempo” para frequentar a escola. Outros até vão depois de um dia de trabalho, mas não conseguem aprender por estarem com fome, cansados e, em muitos casos, percorrerem longas distâncias.

A Educação é uma ciência que existe desde o princípio, pois o homem sempre, de alguma forma, registrou seus conhecimentos, seja por meio de desenhos, ou marcas. Assim é que lemos:

“[...] Tudo que foi dito até aqui vale para a história da educação, já que o fenôme-

no educacional se desenrola no tempo e faz igualmente parte da história [...] Estudar a educação e suas teorias no contexto histórico em que surgiram, para observar a concomitância entre as suas crises e as do sistema social, não significa, porém, que essa sincronia deva ser entendida como simples paralelismo entre fatos da educação e fatos políticos e sociais” (ARANHA, 2014, p. 24).

A Educação prima por ajudar a criança em seus primeiros anos de vida, a descortinar um mundo de códigos (letras e números) que precisam ser decifrados para que tenham condições de viver bem no futuro. De igual forma, também é para os adultos que, por algum motivo, não estudaram na infância e agora querem assimilar o conteúdo oferecido.

**MUITAS CRIANÇAS
HOJE, EM PLENO
SÉCULO 21, AINDA
ESTÃO PRESAS
EM TRABALHOS
FORÇADOS, OU
SEJA, EXAUSTIVOS,
E SEM “TEMPO”
PARA FREQUENTAR
A ESCOLA**

Em muitos momentos, pela necessidade ou ignorância de alguns, surge a pergunta: a educação é um direito ou uma

necessidade? Vamos analisar e tentar responder, pensando um pouco mais.

Temos a Educação se desenvolvendo de algumas formas ao longo da história, pois há que se pensar na existência de culturas diferentes. Havia, portanto, a educação tradicionalista (escola tradicional), difusa (comunidades tribais).

A EDUCAÇÃO E SUAS AFIRMAÇÕES

Ao longo da história muitos se dispuseram a estudá-la para que outros, em era posterior ou até mesmo concomitante à sua, pudessem entendê-la melhor. O primeiro de quem falaremos será Durkheim. Ele defendia que a educação não era uma ciência parada, antes sofria variações conforme a sociedade onde estava inserida, bem como de acordo com o objetivo profissional de quem a estudava, ou seja, a educação. São dele estas palavras: “[...] porém, esta educação comum varia de uma sociedade para outra. Cada sociedade alimenta um certo ideal humano. É este ideal “que é o polo da educação”.

Para cada sociedade, a educação é “o meio pelo qual ela prepara no coração das crianças as condições essenciais de sua própria existência” (2020, p. 10).

Durkheim postula ainda que a educação tem o papel de transformar o ser humano em

alguém melhor pela aquisição de conhecimentos e valores, além de permitir que se torne mais completo e mais pronto para a vida, quando engajado em um ambiente acadêmico, se permite escrever uma história particular com mais elementos benfazejos. Esta abertura por parte do estudante traz em seu bojo a oportunidade de crescimento, alargamento de fronteiras e bem-estar, pois o ato de educar corrobora que dessa forma o indivíduo se torne diferente dos animais irracionais. Assim ele explica:

Ao entrar na vida, a criança traz apenas a sua natureza de indivíduo. Portanto, a cada nova geração, a sociedade se encontra em presença de uma tábula rasa sobre a qual ela deve construir novamente. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela substitua o ser egoísta e associal que acaba de nascer por um outro capaz de levar uma vida moral e social. Esta é a obra da educação” (2020, p. 11).

Se a educação é uma necessidade, como entendê-la? Qual deve ser a influência por ela exercida que não deve ser esquecida por quem educa e menos ainda pelo educando? Não estamos tratando de leis ou similares que garantam a sua obrigatoriedade, mas, sim, do exercício natural, embora, como já foi dito, nem todos estejam neste exercício. Certamente, há marcas que nunca mais deixarão quem as adquiriu durante o período acadêmico, ficando ainda, de alguma forma, como a sociedade quer, ou seja, sofre mudanças pessoais e sociais, como afirma Durkheim, apud Rodrigues (2004, p. 5): “O homem que a educação deve realizar, em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez,

mas o homem que a sociedade quer que ele seja; e ela o quer conforme o reclame a sua economia interna, o seu equilíbrio”.

Entretanto, é sabido que a Educação não é responsável somente por aquisição de conhecimentos de cunho cognitivo, que incluem valores, conceitos e afins somente externamente. Ela pode ter a função também de atuar na área emocional do aprendente, atendendo de algum modo seus anseios mais íntimos e desconhecidos dos outros e talvez até dele mesmo. Pensando assim, Cunha (2003, p.17) coloca a escola como um ambiente onde o professor psicanaliticamente orientado tem um papel importante, pois, segundo ele, a mudança não pode ser apenas aparente, quando afirma:

[...] Mas, a educação escolar é assim apenas na aparência, mostra a Psicanálise, pois as questões objetivas-método, planejamento, conteúdo das matérias etc., são o que menos importa no ato de educar. Os ensinamentos psicanalíticos dirigem nossa atenção para o vasto e complexo mundo subjetivo oculto no interior de professor e aluno, cada qual sofrendo constantemente a pressão de seus respectivos desejos, muitos dos quais atingidos pela repressão. O professor psicanaliticamente orientado deve observar as atitudes conscientes de seus alunos, como também as suas, procurando desvelar os desejos escondidos por trás delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminando estas considerações sabendo que educação é algo para toda a vida, permito-me citar Furter (1972, p.127):

A necessidade de uma educação contínua, que seja uma

constância na vida humana e que permita viver plenamente o nosso mundo planetário, não pode ser preenchida por um simples prolongamento da educação, nem por um maior alastramento do campo escolar. Deve tomar a forma de uma educação permanente, a partir da qual deverá ser pensada toda a educação e que obrigará os educadores a inventar novas técnicas e novos métodos adequados.

Logo, concluímos que parte da educação não se restringe apenas a ensinar uma criança ou adulto a ler, mas, sim, levá-lo a destrinchar o significado destas letras e tradução destas letras para transformá-las em virtudes, valores e princípios que norteiem sua vida resultando em um cidadão de bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo, Editora MODERNA, 2014.

CUNHA, Marcos Vinícius. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

FURTER, Pierre. **Educação e vida**. Rio de Janeiro: Editora Vozes LTDA., 1972.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.

SCHELB, Guilherme. **Manual do professor**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016.

Neuralva de Sousa Mota dos Santos

Membro da Igreja Batista em Jardim Colégio, Rio de Janeiro, RJ. Magistério (antigo Normal). Educação Cristã pelo Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER), Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá e cursando Psicopedagogia pela Estácio de Sá. Professora da EBD. Professora e Coordenadora acadêmica no Seminário Bíblico Batista do Rio de Janeiro. Pedagoga na Escola Comunidade Arca.